



Prefácio

Andamos sempre carregados de história

O mealheiro do passado nunca se deve abrir. Através da sua goela estreita os factos foram-se acumulando lá dentro, insólitos e a granel. E não há memória possível que diante deles seja capaz de os ordenar e justificar. [...] Ali temos somente o depósito unilateral e caótico do que fomos; e era preciso o testemunho equivalente do que nos obrigou a ser (Miguel Torga, Diário, 31 de Outubro de 1955).

O discurso autobiográfico comporta riscos múltiplos. Ninguém *se diz* impunemente. É fácil cair na tentação do tudo ou do nada. Mas, como escreveu Severo de Melo a propósito dos alunos, não somos anjos, nem demónios. Somos apenas pessoas. E já não é pouco.

Camus não poupou as palavras: “Um homem é mais homem pelas coisas que cala do que pelas coisas que diz”. Seja. Mas, ainda assim, é preciso reconhecer que mesmo os mais impenitentes críticos do gesto autobiográfico a ele se consagraram uma ou outra vez. *Andamos sempre carregados de história*.

Tudo se decide na consciência do acto. Na aceitação de que a autoleitura não constitui uma verdade mais autêntica do que as outras leituras. Na compreensão de que o exercício autobiográfico não constitui uma mera descrição, arrumação ou sistematização de factos, mas encerra sempre um esforço de construção (e de reconstrução) dos itinerários passados. O que se recorda é tão importante como o que se esquece.

O desvio pela escrita autobiográfica é, muitas vezes, imprescindível. No que permite de atribuição de sentidos vários aos

percursos de uma vida, de explicitação de coerências, feitas de acasos e de premeditações, de reapropriação de tempos que, assim, deixam de ser perdidos. No fim, retomando a expressão sartriana, apenas interessa o que conseguimos fazer com o que os outros fizeram de nós.

Peço desculpa de me expor assim, diante de vós; mas considero que é mais útil contar aquilo que vivemos do que estimular um conhecimento independente da pessoa e uma observação sem observador. Na verdade, não há nenhuma teoria que não seja um fragmento, cuidadosamente preparado, de uma qualquer autobiografia (Paul Valéry, 1931).

No caso da educação e da formação de professores a reflexão não é feita apenas de teorias e de métodos, mas também de experiências e de vivências. Neste campo os verbos conjugam-se nas suas formas transitivas e pronominais: *formar* é sempre *formar-se*. Por isso, é tão importante o trabalho sobre nós mesmos e sobre as nossas práticas.

Temos dito, e repetido, que o professor é a pessoa. E que a pessoa é o professor. Que é impossível separar as dimensões pessoais e profissionais. Que ensinamos aquilo que somos e que, naquilo que somos, se encontra muito daquilo que ensinamos. Que importa, por isso, que os professores se preparem para um trabalho sobre si próprios, para um trabalho de auto-reflexão e de auto-análise.

Um dos aspectos mais significativos do paradigma do professor reflexivo, tal como ele se desenvolveu em todo o mundo na última década, é, sem dúvida, a inscrição das histórias ou narrativas de vida, sobretudo em programas de formação continuada de professores. Tornou-se mais nítida a compreensão dessa unidade ontológica, *o ser-professor*, na qual se corporiza a ligação da teoria à prática e se define um determinado devir profissional.

Mas todos reconheceremos que é ainda longo o caminho a percorrer para inscrever estas práticas no quotidiano dos professores e dos formadores de professores. Nos últimos anos, depois de alguns desvios tecnicistas, temos voltado a insistir no ensino

como profissão do humano e do relacional. As dificuldades levantadas pelos “novos alunos” – por aqueles que não querem aprender, por aqueles que trazem novas realidades sociais e culturais para dentro da escola – chamam a atenção para a dimensão humana e relacional do ensino, para esse corpo-a-corpo diário a que os professores estão obrigados.

Ora esta relação, a qualidade desta relação, exige que os professores sejam pessoas inteiras. Não se trata de regressar a uma visão romântica do professorado, a conceitos vocacionais ou missionários. Trata-se, sim, de reconhecer que a necessária tecnicidade e cientificidade do trabalho docente não esgotam todo o *ser professor*. E que é fundamental elaborar uma terceira proposta, que reforce a pessoa-professor e o professor-pessoa.

Estamos no limiar de uma proposta teórica, com enormes conseqüências para a formação de professores, que constrói uma *teoria da personalidade no interior mesmo de uma teoria da profissionalidade*. É este esforço, do qual apenas nos abeirámos timidamente, que pode ajudar a reconstruir sentidos no seio de uma profissão que está hoje fragmentada.

Estou a falar de práticas de auto-formação, da construção de narrativas sobre as nossas próprias histórias de vida pessoal e profissional. Estou a falar da necessidade de cada um se contar a si mesmo como modo de adquirir uma maior consciência do seu trabalho como educador.

Por isso, é tão significativa e relevante esta edição da *Revista de Educação* com memoriais de professores, celebrando dez anos do programa de pós-graduação em educação. No campo pedagógico, o conhecimento nunca é independente da pessoa. Sem um novo olhar sobre esta problemática, como aquele que atravessa as páginas desta revista, dificilmente conseguiremos abrir novos caminhos para a formação de professores.

Não é fácil o gesto autobiográfico. Mais uma razão para felicitar os colegas que, vindos de trajectórias tão diferentes, se juntaram neste projecto comum de registo e de memória. Que é, também, um projecto de partilha com as novas gerações.

As histórias de vida não são sobre o passado, são uma forma de pensar o futuro: “a confissão tem de fazer parte de uma nova

vida”, escreve Wittgenstein. Ou, como António Damásio tem vindo a explicar, a consciência nasce quando interpretamos um objecto com o nosso sentido autobiográfico, a nossa identidade e a nossa capacidade de anteciparmos o que *há-de vir*.

António Nóvoa
Universidade de Lisboa
10 de Junho de 2009